SERRA DO ESTÊVÃO

JOSE' BONIFÁCIO DE SOUSA

1

A SERRA

"Após vinte anos de observação, sei quanto é saudável aquela serra".

Dr. Baptista de Queirós.

No mapa orográfico do Ceará, a serra do Estêvão representa um elo da *cadeia central* formada por uma série de montanhas de origem arqueana, que se sucedem a maior ou menor distância, desde o litoral até o alto sertão.

Com a altitude de cerca de 400 metros acima do nível marítimo, e uma extensão aproximada de 24 quilómetros de norte a sul, e de 10 quilómetros de leste a oeste, maior importância não teria como acidente geográfico, se factores de outra natureza não explicassem o seu justo renome.

O clima, em primeiro lugar.

Localizada numa zona duramente castigada pelas secas, é a serra do Estêvão como um oásis em meio à aspereza dos sertões que a contornam.

No que concerne à temperatura, a escala termométrica registra mínimas de 18.º a 19.º em Maio-Junho, e máximas que não excedem de 30º à sombra, nos meses que precedem o inver-

no, quando toda a região circundante parece um vasto braseiro. Dos dias para as noites as variações são de pequena amplitude, assegurando uma constância térmica que, aliada à secura do ar atmosférico, constitui uma das virtudes do clima local.

Nos meses do verão, em certas horas do dia, uma viração pura e leve contribui para tornar mais agradável a temperatura ambiente.

Embora encravada numa faixa cuja pluviosidade anual não ultrapassa, em média, a 840 milímetros, a serra oferece condições naturais propícias à agricultura, ramo de actividade de seus habitantes. O algodão, a mandioca, os cereais e legumes medram e produzem com relativa facilidade, graças à fertilidade do solo enriquecido com elevado teor de matéria orgânica acumulada de preferência nas depressões formadas pelo sensível dobramento do terreno.

Em vários pontos, olhos dágua permanentes asseguram a existência do líquido até mesmo durante as secas mais prolongadas.

A vegetação primitiva, de maior porte que a das caatingas sertanejas, como se observa nos restos existentes, foi quase toda destruida pelo machado e pelo fogo, a serviço de uma lavoura extensiva e devastadora, tendo-se transformado numa vasta capoeira compacta e enfolhada.

Estudada como acidente geográfico isolado, a serra do Estêvão se localiza na parte ocidental do município de Quixadá, de cuja sede dista 22 quilómetros. À medida que se lhe galga a encosta, por uma rodovia que a Inspectoria de Secas rasgou em seu flanco oriental, pondo-a em contacto com a sede municipal, experimenta-se a agradável sensação produzida pelo abrandamento gradual da temperatura. No cimo da montanha desvenda-se soberbo panorama com um raio de muitos quilómetros de extensão.

Contribui para o pitoresco da paisagem o vasto lençol dágua do açude do Cedro que recobre parte da planície adjacente, emoldurado entre monólitos que emprestam à região um aspecto característico.

No sopé da vertente oposta, o Governo federal fez construir, no rio Choró, outro reservatório público, de maior capacidade

que o do Cedro. Entre um e outro, interpõe-se a serra, como um divisor natural das duas bacias hidrográficas.

Do ponto de vista histórico, pouco se sabe acerca do primeiro ocupante ou desbravador da serra em apreço. Ter-se-ia chamado Estêvão de Tal, segundo uma tradição, apoiada no facto frequêntemente observado, de se haver transmitido ao lugar o nome de seu primitivo ocupante.

O primeiro documento oficial em que há referência expressa à serra do Estêvão, é o "Auto de assinação de patrimônio para a Camara de Quixeramobim", lavrado em 15 de Junho de 1789.

Incluindo-a entre as terras patrimoniais da então nascente comuna, prescreveu aquele documento "que as referidas terras ficassem reservadas para se partirem com as pessoas que sendo compriendidas nos editaes de convocação, viesem agregarse a esta villa, das quaes se lhes arbitraria a cada hum aquelle numero de brasas ou de terreno que a Camara julgasse bastante para sua lavoira e plantasoens, pagando cada hum a modica pensão de foro que a mesma Camara lhe impuzer, para as despesas do Conselho".

As posturas da citada Câmara, aprovadas pela lei provincial n.º 969, de 18 de Setembro de 1860, estabeleceram, no art. 89, que os terrenos patrimoniais "continuarão a ser aforados, pagando os foreiros, daqui por diante, o onus de oitenta reis por braça". Entre esses terrenos, continuavam a figurar os da serra do Estêvão, até que pela resolução provincial n.º 1.347, de 27 de Outubro de 1870, que criou a vila de Quixadá, desmembrando o seu território do de Quixeramobim, passou a mencionada serra a fazer parte integrante do património da nova comuna.

A enfiteuse dessas terras e o direito de cobrar foro sobre as mesmas constituem ainda hoje fonte de renda do município de Quixadá.

Atendendo à sua natureza, são elas reservadas de preferência à lavoura, só se permitindo a criação de gado nas áreas cercadas.

Sob o aspecto administrativo, a serra em apreço forma hoje em dia um distrito municipal, tendo por sede a vila de Estêvão, situada no alto da montanha, mais ou menos no seu centro. Duas modestas ruas, tendo como edifício principal a capela de Sant'Ana, eis o que é aquela vila. Seus habitantes são quase todos pequenos proprietários rurais e agricultores, vivendo a vida modesta e pacata dos vilarejos do interior.

Na serra do Estêvão — diz um brocardo local — "os pobres vivem do clima e morrem de velhos", dando assim uma ideia de sua placidez e salubridade tradicionalmente comprovadas por quantos têm alí estacionado em busca de repouso e de saúde.

Factores de outra natureza concorrem também para o justo renome de que goza aquele recanto da terra cearense. São os que se relatam nos capítulos que se seguem.

2

O MOSTEIRO DE SANTA CRUZ

"A comunidade beneditina da Serra do Estêvão proporcionou a Quixadá uma idade de ouro".

Júlio Abreu

Há fundações que evocam sempre a lembrança de seus empreendedores, e daqueles que lhes comunicaram o prestígio de seus méritos e virtudes.

Expressivo como um monumento, o mosteiro de Santa Cruz, sede de extinta abadia beneditina, ainda hoje parece dizer do importante papel que, por espaço de quinze anos, desempenhou na vida cultural e religiosa do Ceará.

Em torno daquele cenóbio, edificado num cabeço solitário da pitoresca serra do Estêvão, desenvolveu-se a pouco e pouco compacto núcleo de agricultores, gente honrada e temente a Deus, cujos labores rurais eram incentivados pelo espírito progressista

dos religiosos, que tiravam também do cultivo da terra os elementos necessários à manutenção da comunidade.

Mais propensos, porém, às cogitações do espírito, foi precisamente nesta esfera que os beneméritos monges de São Bento se impuseram à gratidão com que hoje é relembrada sua fecunda e brilhante actuação naquela nesga da terra cearense.

Revivamos por miúdo os factos que integraram uma das mais fulgentes páginas da história das fundações religiosas neste Estado.

Em Agosto de 1899, Dom Gerardo van Caloen, abade do mosteiro de Olinda, acompanhado do Irmão Maurício Prichzi, empreendeu uma viagem ao Ceará, afim de examinar a possibilidade da fundação de novo convento, afastado da orla marítima, onde os seus subordinados ficassem ao abrigo dos surtos da febre amarela e de outras moléstias endémicas, que várias vidas já haviam ceifado entre os membros de sua comunidade em Pernambuco.

Atraído pela fama do clima, Dom Gerardo visitou de início a serra de Baturité, onde se demorou alguns dias, viajando depois para Quixadá, ponto terminal, naquela época, da Rede de Viação Cearense.

Era intuito seu estender a excursão até o município de Lavras da Mangabeira, onde o mosteiro de Olinda possuia a fazenda "Juiz", ao tempo uma das mais vastas e importantes propriedades rurais do sul do Estado.

Durante sua permanência em Quixadá, a convite do vigário cônego António Lúcio Ferreira, o Abade teve ensejo de conhecer a serra do Estêvão, encontrando alí condições de clima e salubridade tão favoráveis quanto as da serra de Baturité.

Sob esta impressão, prosseguiu sua jornada pelo sertão cearense. Entrementes, o zeloso vigário de Quixadá procurava criar todas as facilidades afim de que fosse a serra do Estêvão o local escolhido para a fundação do novo mosteiro. Neste sentido, promoveu entre os seus paroquianos mais abastados uma subscrição para comprar os sítios *Santa Cruz, Crateús* e *Ladeira,* localizados em um dos trechos mais aprazíveis da montanha, e predispôs alguns proprietários a fazerem doação de terras anexas,

de modo a assegurar de antemão um património territorial para a fundação que tanto interesse despertava.

Tendo recebido contusões em consequência de uma queda do animal em que cavalgava, Dom Gerardo viu-se forçado a interromper a viagem, continuando-a, todavia, seu secretário Irmão Maurício.

De regresso a Quixadá, o Abade inteirou-se das iniciativas e providências tomadas pelo cônego Lúcio, resolvendo, então, voltar à serra do Estêvão para melhor examinar as condições do meio e as doações que lhe eram oferecidas.

Estabelecida, finalmente, a preferência por aquele recanto quixadáense, restava escolher o local onde se haveria de erguer o mosteiro projectado.

Vejamos como Júlio Abreu, uma das testemunhas presenciais, narra o facto em seus mínimos detalhes: "Chegados à serra, logo no dia seguinte, 14 de Setembro, após o café da manhã, saimos para o sítio *Santa Cruz*: Dom Gerardo, eu, o França e, como batedores de mato, tres Franciscos, ou melhor, tres Chicos: Láu, Lopes e Cardigo, armados de foice e facão. Uma vez no sítio, o Abade esmiuçou tudo aquilo e mostrou desejo de subir a uma colina que dominava a região, cujo acesso só lhe foi possível graças ao trabalho dos tres desbravadores. Galgada a eminência, Dom Gerardo marinhou cuidadosamente uma árvore e, lá em cima, deixou-se ficar um momento, silencioso e meditativo, empolgado talvez com o panorama que alí se abria a seus olhos maravilhados. Depois desceu e comunicou aos presentes ser aquele o local escolhido para a construção do novo mosteiro. A pedido dele, os guias desmataram a pequena quadra em que nos achavamos, bem no topo da colina, e cortaram duas estacas com as quais foi improvisada uma cruz cujos braços foram ligados por meio de cipós, feitas prèviamente as necessárias entalhas. Uma vez plantada ao solo, Dom Gerardo tirou do bolso um livro e uma estola, pondo-a ao pescoço, e mandou que nos ajoelhassemos porque ia proceder à benção da cruz. Assim nos conservámos enquanto ele recitava orações em latim, a princípio de pé e depois também ajoelhado. Terminada a cerimónia, abençoou-nos e beijou a cruz, no que foi seguido por todos nós. De regresso, deixámos alí aquele marco sa-

grado a indicar o local onde algum tempo depois se ergueria a capela do mosteiro, sob a invocação de *Santa Cruz*, não só para conservar o nome do primitivo sítio, mas também em comemoração da Exaltação da Santa Cruz, cuja festa a Igreja celebrava precisamente naquele dia".

Tornando a Quixadá, Dom Gerardo investiu-se no domínio dos seguintes imòveis, cuja doação foi efectivada por escrituras públicas de 16 e 18 de Setembro: sítios *Santa Cruz* e *Ladeira*, adquiridos pelo cônego Lúcio a António Lima e João Alves Ferreira; *Crateús* e *Boa Vista*, doados por Tiago Moreira da Cunha e Arcelino Alves Barreira, respectivamente (1).

Regressando a Olinda, confiou Dom Gerardo a Dom Majolo Caigny o encargo de erigir e dirigir o novo mosteiro. Data de 7 de Outubro de 1899 a partida daquele monge, acompanhado de Dom Macário Schmitt, também sacerdote como ele, dos noviços Bonifácio Jansen, Lucas Heuser, João Peters, Gregório Herzog, Plácido Broders e Bento de Sousa Leão Faro, e do Irmão leigo André Riehle.

Depois de uma estada de sete mëses em Guaramiranga, os citados monges, integrantes da primeira comunidade beneditina de Santa Cruz, chegaram à serra do Estêvão em 28 de Junho de 1900, tendo-se alojado num convento improvisado, com paredes de taipa e piso de argila batida, onde haveriam de permanecer em absoluto desconforto até que se edificasse a residência definitiva.

A seca que sobreveio naquele ano desviou a actividade de Dom Majolo para empreendimentos de emergência, inspirados no interêsse colectivo. Assim foi que construiu uma estrada ligando o mosteiro ao povoado serrano, e um pequeno açude que ainda hoje lá está para atestar a sua utilidade.

Sòmente a 14 de Setembro de 1900 iniciou-se a construção

---

(1) — Posteriormente, as seguintes aquisições vieram alargar o patrimônio territorial do Mosteiro: em 22.2.1900, o sítio *Conceição*, comprado a Moisés Pereira dos Anjos; em 6.7.1905, o *São Bento*, adquirido aos herdeiros de Alfredo Teofilo Camarão; em 1908, o *Bom Jesus*, doado por D. Clementina Maria de Meneses; e finalmente, em 6.1.1909, o *Olho dagua*, comprado ao Cel. Arcelino Alves Barreira.

projectada, com o assentamento da pedra fundamental da capela no local escolhido precisamente havia um ano atrás.

Assoberbado pelos encargos materiais relativos à instalação e sustento da comunidade nascente, não perdeu, todavia, Dom Majolo as oportunidades que se lhe depararam para realizar obra de apostolado religioso. Na capelinha do povoado serrano aferverou o culto a Sant'Ana, imprimindo às solenidades de 26 de Julho, dia da excelsa padroeira, um cunho de verdadeira romaria, com afluência de notável número de fieis.

Por ocasião do transcurso do século, tomou parte saliente nas brilhantes cerimônias então realizadas na matriz de Quixadá, pondo em relevo seus dotes de pregador, graças aos quais conseguiu chamar ao aprisco da Igreja muita ovelha desgarrada.

Destarte, ao retirar-se pouco depois para o sul do País, deixava Dom Majolo Caigny seu nome ligado não só ao convento em formação como à vida religiosa da paróquia de Quixadá.

No priorado de Santa Cruz substituiu-o a 14 de Maio de 1901, Dom Maurício Prichzi, recem-chegado de Olinda, monge de sólida erudição e peregrinas virtudes, uma das maiores figuras da família beneditina da serra do Estêvão.

A Dom Maurício estava reservada a tarefa de levar a cabo a construção do mosteiro, tendo também erigido vasto e confortável edifício para um estabelecimento de ensino.

Criado com o intuito de auxiliar a manutenção da comunidade, e também para atender a uma aspiração dos quixadáenses, esse estabelecimento não figurava, ao que parece, nos planos de Dom Gerardo, pois de outra cousa não cogitara senão da instalação de um centro monástico onde seus subordinados se pudessem entregar aos estudos de formação, ao abrigo das endemias que grassavam em Pernambuco.

O que foi a tarefa titânica daquele Prior, num meio refratário a empresas de tal monta, diz-nos Alvaro Maia, com a vivacidade de seu estilo: "Pedaços de ferro, tijolos, vigas, tábuas, tudo veio à costa dos comboios que desapareciam empoeirados à soalheira do meio dia e subiam a estrada serrana a chicotadas , sob o olhar vigilante dos condutores. Quando as paredes já se alteavam, faltou água ao fim da invernada; fontes esplêndidas, fontes brotando das pedras, havia-as nos montes,

mas longínquas reclamando caminhadas longas. O Beneditino não conhecia impossíveis e mandou cavar a terra, rasgando-lhe o ventre seco e arenoso com um poço artesiano, espécie de *impluvium* romano, com uma capacidade de 800.000 litros. E assim, num heroismo sagrado, a Ordem admirável levantou, por intermédio de Dom Maurício, o mosteiro imenso que, naqueles áureos tempos, custou mais de quinhentos contos de reis".

Desse esforço inteligente e pertinaz surgiram, em curto espaço de tempo, o colégio e em seguida o convento definitivo, separados um do outro pela capela, com a qual formavam harmonioso conjunto arquitectónico.

Não obstante a simplicidade da construção, a capela, com suas decorações e altares estilizados, era altamente sugestiva. Alí a comunidade recitava diariamente o ofício divino; e nos dias de festa, as solenidades litúrgicas se revestiam da pompa em que sempre se esmeraram os Filhos de São Bento.

Quem teve a ventura de frequentar as cerimônias religiosas que alí se celebravam, ha-de ouvir ressoar ainda naquele recinto sagrado, tão cheio de evocações, a harmonia sugestiva do canto gregoriano e o salmodiar dos textos bíblicos recitados em côro por aqueles monges austeros, tão ciosos no desempenho do *opus Dei*, missão tradicional da Ordem beneditina.

O prédio do mosteiro é constituido de dois pavimentos iguais, divididos em compartimentos isolados entre si e guarnecidos de amplas janelas envidraçadas que dão para o exterior. Ao longo de todo o edifício, e em cada andar, espaçoso claustro banhado em cheio da luz e do ar da montanha, põe em comunicação as diversas dependências internas. Na parte superior estavam localizadas a sacristia, contigua à capela, a biblioteca com seus 5.000 volumes, a sala capitular e diversas celas, cujas portas de acesso eram encimadas com o nome, inscrito em caracteres góticos, de um dos grandes santos da Ordem. Em baixo, a portaria, o refeitório, com copa e cozinha anexas, e outras tantas celas. Do lado dos claustros, amplo terreno murado, misto de jardim e pomar, além de flores e frutos, propiciava repouso e bem-estar.

O edifício do colégio tem a forma de um quadrilátero internamente circundado de alpendres que comunicam o pátio cen-

tral com as diversas dependências: refeitório, dormitórios, salas de aulas e de reuniões. Cada uma delas, por sua vez, recebe arejamento e iluminação direta através de renques de janelas abertas para a face externa da construção, deixando ver a paisagem serrana, que é sempre um regalo para os olhos.

Nesse edifício, inaugurado a 3 de Maio de 1903, funcionou por espaço de sete anos o "Ginásio São José", um dos mais famosos centros de instrução secundária que já possuiu o Ceará, quiçá o norte do País. Famoso não só pela amplitude e conforto de suas instalações, que exceliam às dos estabelecimentos congêneres, como também pela eficiência do ensino e da educação, a cargo de professores cultos e probos, alguns deles egressos de universidades europeias. E' de relembrar os conhecimentos linguísticos de Dom Maurício Prichzy (1), a cultura matemática de Dom Ruperto Rudolph e a erudição com que Dom Amaro van Emelen versava os mais variados temas das ciências naturais, para só citar os tres principais ramos do saber humano. (2)

A par da docência das disciplinas que constituiam o curso ginasial, nos moldes rigorosamente clássicos, atendia-se com esmero à formação moral e religiosa, ao cultivo das artes e à prática dos desportos, colimando-se a educação integral da mocidade, sem as deturpações e deficiências que hoje tanto concorrem para a decadência do ensino secundário.

Equiparado ao Ginásio Nacional, o estabelecimento em apreço chegou a registrar uma matricula de centenas de alunos provindos dos diferentes Estados do setentrião brasileiro, e preparou

---

(1) — "Dom Maurício era sobretudo um poliglota, para quem não tinham segredos os principais idiomas e numerosos dialetos europeus. Lembro-me de que numa festa escolar, de homenagem a ele, como os professores lhe tivessem preparado a surpresa de ouvir recitadas por alunos seis breves alocuções em Português, Francês, Latim, Inglês, Grego e Alemão, no instante do agradecimento discursou, de improviso, nas seis línguas..." (Leonardo Mota, *in* "O Nordeste", de 31.1.1940).

(2) — Cinco professores estranhos á Ordem beneditina emprestaram o brilho de sua cultura ao corpo docente do Ginásio São José. Foram eles: Padre Joaquim Ferreira de Melo, (posteriormente 2.° Bispo de Pelotas); Drs. Adolfo Siqueira Cavalcante, Carlos da Costa Ribeiro, Alberto Fiuza Montezuma e Zacarias Magalhães.

para as lides da inteligência e para a vida prática várias turmas de jovens providos de sólida base cultural, de tal modo que ainda hoje constitui recomendação honrosa o diploma de bacharel em ciencias e letras expedido pelo extinto Ginásio São José. Muitos de seus ex-alunos conquistaram e desfrutam posição de relevo nas letras, nas ciências e nas actividades económicas (1).

Com a reforma do ensino ocorrida em 1909, aquele estabelecimento, como todos os similares, perdeu sua equiparação ao Ginásio Nacional, facto que determinou o seu fechamento, ao encerrar-se o ano lectivo de 1909.

Todas essas realizações se devem a Dom Maurício Prichzy, a quem, entretanto, não permitiu a Providência gozasse os frutos de seus esforços. Tendo inaugurado o mosteiro definitivo a 24 de Dezembro de 1906, nele permaneceu por espaço de dezenove dias apenas, pois veio a falecer a 13 de Janeiro do ano imediato, em consequência de moléstia que contraíra numa viagem de pregação a Quixadá.

Religioso de virtudes eminentes, incansável no seu apostolado, Dom Maurício era também um poliglota, um artista e um pensador. Pertenceu ao quadro social do Instituto do Ceará, tendo deixado de sua lavra "*A travers le Ceará*", livro de impressões de nossa terra, que amou e serviu com inexcedível dedicação.

Artista, frequentara a Escola de Beuron, onde adquiriu

---

(1) — Dentre os ex-alunos do mencionado Ginásio, ocorre citar os seguintes: José Paracampos, João Mota, Pedro Chagas, Afonso Mendes Braga, Lourival Monte, Otacilio Macedo, Renato Studart, Eduardo Studart da Fonseca, Eliseu de Holanda Montenegro, Clovis Barbosa de Moura e José Caminha (médicos); Joaquim Mendes Braga, João Barbosa de Moura, Francisco Carlos de Oliveira, Francisco Tomé da Frota, Mario Eloi da Costa, Julio Abreu Filho e Daniel Moura (engenheiros); Leonardo Mota, Dolor Uchôa Barreira, Gervasio Martins, Guilherme Studart Filho e Francisco Salgado Sobrinho (bachareis); João da Frota Gentil (banqueiro); Maximiano Leite Barbosa Filho, Alberto Klein, Septimus Frederick Clark, Sigefredo Franco de Oliveira, João Pedro da Assunção Franco, José Nilo Teofilo, Godofredo Bastos, José Caminha, etc. (comerciantes); Pedro Albano e Joaquim Antonio Albano (professores).

conhecimentos especializados de pintura e arquitectura religiosas, sendo de seu pincel telas e decorações que existiam no mosteiro, inclusive um painel da "Gruta de Belém", ainda hoje conservado no edifício do antigo Ginásio.

A morte desse lutador consternou não só a serra do Estêvão, onde ele se constituira um "esbanjador da caridade", como também os meios religiosos e culturais de todo o Ceará, tendo o Barão de Studart assim descrito o lutuoso acontecimento: "Até o último suspiro, Dom Maurício revelou-se de alma valente e heróica, como fôra sempre. Na sexta-feira pela manhã (ante-véspera de sua morte) recebeu os Sacramentos; ao meio dia escrevia, mesmo deitado, um telegrama ao Abade geral anunciando-lhe que ia morrer; mais tarde, levantou-se, veio até o alpendre e exclamou: "Deixem-me ver este mundo ainda uma vez". Depois... depois, até expirar, como ótimo monge que era, entregou-se aos exercícios espirituais, às preces ardentes e aos doces colóquios com seu Deus, fonte viva dos seus afectos, sua única força, seu único e verdadeiro amor. "*Ach Gott, mein Gott*", "meu Deus, meu Deus" — foram suas derradeiras palavras. Última preocupação de um pobre religioso implorando ao seu Criador, Pai e Juiz; última lembrança à terra do berço, à lingua em que balbuciara as preces infantís. A alguem que lhe falava de Dom Maurício, insinuou Dom Macário, o sub-prior: "Fui por vinte anos páraco na América do Norte e no Equador; ha muito que sou monge e, em todo esse tempo, aprendí menos do que à cabeceira daquele homem extraordinário, naqueles tristes e inesquecíveis momentos" (1).

Embora canonicamente erigida em abadia desde 14 de Setembro de 1903, a comunidade beneditina de Santa Cruz continuou a ser administrada por um prior, cargo que, após o falecimento de Dom Maurício, foi sucessivamente ocupado por Dom Amaro van Emelen (de 13.1.1907 a 17.4.1908), Dom Bonifácio Jansen (de 18.4.1908 a 13.2.1909), Dom Crisóstomo de Saegher (de 14.2.1909 a Janeiro de 1910) e, por último, por Dom Vanderilo Herpierre (de 1910 a 1919).

---

(1) — *In* "Revista do Instituto do Ceará", ano de 1907, pág. 418.

Em 1911 volve à serra do Estêvão Dom Gerardo van Caloen, então investido nas funções de arquiabade da Congregação brasileira, afim de sagrar o primeiro abade conventual, cerimonia que se verificou a 24 de Agosto daquele ano.

A escolha recaiu na pessoa de Dom Ruperto Rudolph, monge de grandes virtudes e ilustração, que desde 1902 pertencia ao sodalício local, tendo sido um dos primeiros beneditinos ordenados no Ceará.

Encarando a necessidade de recrutar novos elementos para a comunidade que lhe coube dirigir, Dom Ruperto empreendeu uma viagem à Europa, de lá trazendo, em Dezembro de 1912, os noviços Mauro Clement, André Schaeffner e Maurício Hafner, e os irmãos conversos Martinho, Lamberto e Francisco.

Em meados de Setembro do ano seguinte, novos elementos chegam à serra do Estêvão: o noviço Romualdo Simeth e os postulantes Plácido Staeb, Edmundo Kraus e Guilherme Kolle, tendo os dois últimos renunciado algum tempo depois à vida claustral.

Com o fim de recolher vocações no ambiente propício do Ceará, fundou ainda Dom Ruperto, em 10 de Março de 1913, uma escola de oblatos anexa ao mosteiro, utilizando-se das instalações do antigo ginásio.

Apesar das restrições decorrentes de sua finalidade, não faltaram alunos para essa casa de formação, a cuja frente figuraram, como reitor, a princípio Dom Emanuel Henrich e e por último Dom Vanderilo Herpierre. (1)

A essa escola, não obstante o seu funcionamento plenamente satisfatório, estavam reservados sòmente três anos de existência, tendo-se fechado em fins de 1915, com a transferência dos

---

1) — Foram alunos desta Escola de formação: Amarílio da Silva Leite (monge beneditino do Mosteiro da Bahia, com o nome de Dom Francisco); Januário Ribeiro Campos, Manuel Lucena e José Antonino de Queiroz (sacerdotes seculares, servindo o último na Diocese de Pelotas); Joaquim Santiago Lima (médico, com clínica em Russas); Inácio Barreira Piquet (advogado no Distrito Federal); João Lins de Queiroz, João Medina de Mendonça, Antonio Wanderilo de Saboia e seu

alunos remanescentes para outros mosteiros, em consequência do encerramento das actividades beneditinas da serra do Estêvão.

O caso foi que, com o desenvolvimento da comunidade pela agregação de oblatos e outros elementos, agravaram-se as dificuldades económicas relativas à sua manutenção, culminadas com a superveniência da seca de 1915. Quando mais intensamente se faziam sentir essas vicissitudes, o mosteiro recebia a visita canônica de Dom Lourenço Zeller, o qual, na qualidade de visitador apostólico da congregação beneditina do Brasil, determinou a transferência do abade Dom Ruperto para o mosteiro da Bahia, acompanhado de sua comunidade.

No mosteiro abandonado permaneceu, todavia, até 1928, o seu antigo prior Dom Vanderilo Herpierre, na esperança de que nalgum dia, passada a crise, pudesse ser alí restaurada a vida monástica.

Tal, infelizmente, não aconteceu, retirando-se por fim aquele monge para a Alsacia, sua terra natal, depois de haver passado cerca de vinte anos no Brasil, aqui deixando larga folha de serviços.

Em 1921, a Santa Sé, pelo rescrito de 1.º de Fevereiro, decretava a extinção da abadia de Santa Cruz,que fora criada por ato de 8 de Janeiro de 1901.

Assim encerrou-se a actuação dos Filhos de São Bento na terra cearense, onde em dezesseis anos de actividade deixaram inapagaveis motivos de benemerência.

Tempos depois, foram as instalações da serra do Estêvão transferidas por venda à Arquidiocese de Fortaleza, que posteriormente as entregou, em usufruto perpétuo, às Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição.

---

irmão João Saboia (comerciantes, respectivamente em Quixadá, Fortaleza e Curumbá, Mt.); João Batista de Castro, Luiz Acioli da Silva, Antonio de Oliveira Bino, João Pantaleão de Moura (comerciários); José Bonifácio de Sousa (bancário); Francisco Julio dos Santos (professor); José Crispino (advogado em Quixadá), Cipriano Pequeno Gondim, Hercilio Bezerra, Helí Correia. Artur Peixoto de Alencar, Elias Julião de Lima, Francisco de Assiz Lima, Oscar Lessa, Domingos Gerson Saboia, Mozar Campos e João Paracampos (os seis ultimos falecidos).

Dados biográficos dos Monges Beneditinos que serviram no Mosteiro de Santa Cruz

DOM GERARDO VAN CALOEN — Nasceu no castelo de Lophen, perto de Bruges, na Bélgica, a 12 de Março de 1853. Tendo abraçado desde cedo a vida monástica, professou no mosteiro de Maredsous, a 25 de Maio de 1874, e ordenou-se a 23 de Dezembro de 1876.

Quando exercia as funções de Procurador da Congregação beneditina de Beuron, junto à Santa Sé, foi por esta incumbido de restaurar a Congregação brasileira, e, com êsse intuito, veio para o Brasil, com outros monges da Ordem, instalando-se no mosteiro de Olinda a 17 de Agosto de 1895.

Seu nome está indissolùvelmente ligado às mais caras efemérides do mosteiro de Santa Cruz, da serra do Estêvão, não só por ter sido o seu idealizador, como também por ter conseguido os elementos materiais para a sua erecção. Coube-lhe, igualmente, presidir a escolha do primeiro abade daquela comunidade, depois de ter obtido da Santa Sé a elevação da mesma à categoria de abadia.

Na hierarquia da Ordem beneditina, exerceu no Brasil as mais elevadas dignidades, a saber: Abade do mosteiro de Olinda (20.5.1896); Vigário geral da Congregação e Abade do mosteiro do Rio de Janeiro (28.2.1905);Bispo titular da Focéa, Abade *nulius* e Prelado do Rio Branco (12.3.1906); Arquiabade da Congregação brasileira (6.9.1908), cargo que renunciou em 1915.

Sobre a última fase de sua vida, escreveu Dom Joaquim de Luna: — "Dom Gerardo resolveu então deixar o Brasil, país que muito amava e onde havia dedicado, durante vinte anos, o melhor de suas forças e de sua saúde em prol da restauração dos mosteiros da Ordem. Com um último adeus, deixou em 1919 a sua segunda pátria, embarcando com destino à Bélgica. Alí recolheu-se ao mosteiro de Santo André, por ele fundado. Mas como já não pudesse adaptar-se ao clima, foi residir no sul da França, em Cap d' Antibes, onde desenvolveu verdadeiro apostolado em prol dos russos refugiados na França e da união

da Igreja Ortodoxa à Igreja de Roma. Aos 16 de Janeiro de 1932 faleceu santamente aos 79 anos incompletos. Os seus restos mortais repousam na Abadia de Santo André.

A Congregação muitissimo deve à memória dêsse grande monge, pois se Dom Domingos da Transfiguração Machado foi a alma de sua restauração, Dom Gerardo van Caloen foi o braço que a executou".

Versado em ciências e letras, publicou no *"Bullein des Oeuvres Bénédictines au Brésil"* vários trabalhos sôbre o Ceará.

DOM MAJOLO CAIGNY — Nascido na Bélgica em 28 de Março de 1862, veio para o Brasil em 1897, como sacerdote redentorista, ordenado a 12 de Outubro de 1887.

Em 29 de Maio de 1898 ingressou na Ordem beneditina, e no ano seguinte chegava ao Ceará, como superior dos seis monges que integraram a primeira comunidade do mosteiro de Santa Cruz.

Coube-lhe a tarefa de iniciar a construção daquele convento, a qual teve de interromper em virtude de sua transferência para o sul do País, em Maio de 1901.

Foi prior e mestre de noviços na Abadia do Rio de Janeiro, até 1904, ano em que veio para o mosteiro da Baía, a princípio como prior e depois eleito abade (1907), cargo que exerceu até 1913. Nesse ano, deixou definitivamente o Brasil, para dirigir uma fundação da Ordem na ilha da Trindade (Antilhas inglêsas).

Em 1919 retirou-se para um mosteiro da Flórida (Estados Unidos), onde faleceu a 24 de Abril de 1939.

Escreveu as seguintes obras: "De Gemino Prohabilismo Licito" (1900), "Trilogie" e "Sainte Therèse de l' Enfent Jésus".

DOM MAURICIO PRICHZY —Nasceu em Rosemberg, na Checo-Eslováquia, em 16 de Abril de 1870, e ingressou na vida monástica em 1891, na abadia de Emaús, em Praga, tendo professado em 26 de Abril de 1896.

Dois anos depois, isto é, em 18 de Maio de 1898, chegava ao Brasil, filiando-se ao mosteiro de Olinda, de onde veio ao

Ceará, no ano seguinte, acompanhando Dom Gerardo van Caloen.

Logo após regressava à Europa, afim de ultimar sua formação monástica, tendo recebido o presbiterato na arquiabadia de Beuron (Suabia) a 15 de Julho de 1900.

Novamente no Brasil e no Ceará, assumiu, em Maio de 1901, a direção da comunidade beneditina da serra do Estêvão, na qualidade de prior ,tendo ultimado a construção do mosteiro definitivo e inaugurado o colégio que lhe ficava anexo.

Sua profícua administração prolongou-se por seis anos, até 13 de Janeiro de 1907, quando faleceu vitimado pela febre amarela.

Dotado de peregrinas virtudes e sólida erudição, foi uma das figuras de maior relevo da comunidade beneditina de Santa Cruz. A par dos serviços prestados à Ordem, sua memória é grata ao Ceará, pela afeição que dedicou á nossa terra. Escritor de real merecimento, pertenceu ao quadro social do Instituto Histórico, tendo publicado um livro de impressões: "A travers le Ceará".

DOM AMARO VAN EMELEN — Nasceu na Bélgica a 24 de Agosto de 1863, fez profissão religiosa a 11 de Julho de 1885 e recebeu o presbiterato em 22 de Setembro de 1888.

Tendo chegado ao Brasil em 1895, exerceu sucessivamente as funções de prior dos mosteiros de Santa Cruz (13.1.1907 a 17.4.1908), da Graça (Baía) e de São Paulo, onde também ocupou o cargo de reitor do Ginásio São Bento e da Faculdade de Filosofia.

Pedagogo e cientista emérito, dedicou-se de modo especial à Apiologia, tendo publicado as seguintes obras: "Criação de Abelhas", "A Industria do Mel", "Cartilha do Apicultor" e "Mendelismo". Faleceu em São Paulo em 12 de Novembro de 1946.

DOM BONIFACIO JANSEN — Nasceu na Alemanha a 18 de Março de 1879, ingressou na Ordem a 21 de Maio de 1899 e professou na serra do Estêvão a 14 de Setembro de 1903, tendo recebido o presbiterato em Fortaleza, a 24 de Janeiro de 1904.

Chegado ao Brasil em 1896, veio para o Ceará três anos após, tendo permanecido em nosso Estado até 1909, aqui mantendo ainda vasto círculo de relações.

Foi, sucessivamente, prior dos mosteiros de Santa Cruz (18.4.1908 a 13.2.1909), Olinda e Sorocaba, celeireiro dos de São Paulo e Rio de Janeiro e, por fim, abade de Olinda, cargo que exerce desde 22 de Junho de 1933, data de sua sagração.

DOM CRISOSTOMO DE SAEGHER — Nasceu na Bélgica a 17 de Fevereiro de 1870, professou na Ordem a 6 de Abril de 1900 e recebeu o presbiterato a 19 de Maio de 1904.

Veio para o Brasil em 1906, tendo sido eleito, no ano seguinte, abade-coadjutor do mosteiro do Rio de Janeiro. Esteve no Ceará de 13 de Fevereiro de 1909 a princípios de 1910, como prior do mosteiro de Santa Cruz, e, nesta qualidade, ordenou o fechamento do Ginásio São José, por dificuldades de ordem financeira.

Depois de haver renunciado o cargo de abade-coadjutor, regressou, em 1912, ao Mosteiro Maredsous (Bélgica), de onde proviera. Chamado a administrar provisoriamente a Abadia do Rio de Janeiro, por morte do titular efectivo, ali esteve em 1932, regressando pouco depois à Belgica.

DOM VANDERILO HERPIERRE — Nasceu em Masevaux, na Alsácia, a 16 de Junho de 1871, tendo-se bacharelado em letras pela Faculdade de Besançon, na França. Cursou, em seguida, o Seminário de São Sulpício, de Paris, ingressando após na Ordem beneditina, na Abadia de Maredsous (Bélgica), onde fez o noviciado e onde emitiu votos monásticos, em 25 de Março de 1893. Em seguida, estudou Teologia no Colégio Santo Anselmo, em Roma, e recebeu o presbiterato a 16 de Outubro de 1898, passando a servir no Mosteiro de Siena (Itália).

Veio para o Brasil em 1900, tendo feito parte, sucessivamente, das comunidades beneditinas de Olinda, Rio e Baía. Nesta última cidade, redatoriou o órgão católico "O Estandarte". Vindo para o Ceará, exerceu o cargo de prior do mosteiro de Santa Cruz (1910 a 1919) e o de reitor da Escola de Oblatos (1914-1915).

Com o fechamento definitivo daquele mosteiro, obteve se-

cularização, regressando à Europa em 1919, afim de prover a subsistência de sua velha mãe, com quem passou a viver na Alsácia, sua terra natal.

Espírito ardoroso e empreendedor, pregou várias missões no interior do Ceará, tendo sido o fundador da capela do Custódio, distrito de Quixadá. Colaborou assiduamente na imprensa de Fortaleza, debatendo problemas sociais e religiosos, sob o pseudônimo de Nilo del Var. Pertenceu à categoria de sócio correspondente do Instituto do Ceará.

DOM RUPERTO RUDOLPH — Nasceu em Aschaffenburg (Alemanha) a 29 de Outubro de 1877, tendo vindo para o Brasil em 1898. Emitiu os primeiros votos a 25 de Março de 1900, professou solenemente a 14 de Setembro de 1903, na serra do Estêvão, e recebeu o presbiterato das mãos de Dom Joaquim José Vieira, em Fortaleza, a 24 de Janeiro de 1904.

Foi professor dos mais abalisados e último reitor do Ginásio São José, mantido pelo mosteiro de Santa Cruz. Com a elevação daquele cenóbio à categoria de abadia, foi eleito seu primeiro abade, cargo em que se empossou a 24 de Agosto de 1911.

Extinta a comunidade beneditina da serra do Estêvão, em Sctembro de 1915, transferiu-se para o mosteiro da Baía, do qual foi eleito abade a 14 de Outubro de 1920. Faleceu em 19 de Novembro de 1929 .

DOM LUCAS HEUSER — Nasceu em Dusseldorf (Alemanha) a 30 de Julho de 1880 e veio para o Brasil em 1895. Após quatro anos de permanência no mosteiro de Olinda, foi transferido para o Ceará, integrando a primeira comunidade do mosteiro de Santa Cruz. Alí emitiu os primeiros votos em 21 de Maio de 1899, professou em 14 de Setembro de 1903, tendo recebido o presbiterato a 31 de Março de 1906, em Fortaleza.

Depois de haver servido como coadjutor da paróquia de Quixadá, foi nomeado vigário da mesma, cargo que exerceu em dois períodos distintos: de 5 de Junho de 1915 a 17 de Dezembro de 1917, e de 26 de Dezembro de 1918 a Julho de 1930, quando, já secularizado, transferiu sua residência para a Europa, afim de melhor prestar assistência a sua genitora, nos últimos dias de vida.

Após haver servido por algum tempo como vigário de uma paróquia da Bélgica, regressou em 1938 ao Brasil, fixando-se, desta vez, em São Paulo, onde ainda exerce a vigararia de Jarinú, diocese de Bragança Paulista.

Seu nome está indelevelmente ligado a empreendimentos de carater apostólico quando à frente da freguezia de Quixadá, da qual foi um dos mais zelosos e beneméritos pastores.

DOM MACARIO SCHMIDT — Nasceu na Alemanha a 8 de Outubro de 1862, fez profissão monástica em 11 de Julho de 1885 e recebeu o sacerdócio em 30 de Dezembro de 1888, nos Estados Unidos.

Veio para o Ceará em 1899, tendo vigariado a paróquia de Guaramiranga por espaço de um ano, incorporando-se em 1900 à comunidade beneditina da serra do Estêvão, onde permaneceu até 1907, integrando o corpo docente do Ginásio São José.

Transferido para São Paulo, ocupou vários cargos nos mosteiros daquele Estado, onde veio a falecer a 25 de Novembro de 1943.

DOM PLACIDO BRODERS — Nasceu na Alemanha a 27 de Junho de 1882, ingressou na Ordem a 21 de Maio de 1899, fez profissão solene a 14 de Setembro de 1903, na serra do Estêvão, e foi sagrado sacerdote em 31 de Março de 1906, em Fortaleza.

Chegado ao Brasil em 1896, veio para o Ceará em fins de 1899, integrando a primeira comunidade do então nascente mosteiro de Santa Cruz. Transferido em 1906 para São Paulo, serviu por algum tempo como mestre de noviços na casa de formação em Sorocaba.

Em 1921 obteve secularização, voltando então ao Ceará, onde vigariou por vários anos as paróquias de Aratuba e Amontada. Tendo regressado ao Brasil, após curta permanência na Europa, rege hoje uma das paróquias da Arquidiocese de São Paulo.

DOM AMANDO DE BRUYN — Nasceu na Bélgica, em 1873. Foi professor, dos mais eruditos, do Ginásio São José, da serra do Estêvão, mantido pelo mosteiro de Santa Cruz, onde

completou sua formação monástica e recebeu o presbiterato, em 18 de Abril de 1908.

Faleceu na África, onde se achava trabalhando nas missões beneditinas do Congo Belga, a 10 de Julho de 1931.

DOM ADALBERTO KAUFMEHL — Nasceu em Loennach (Alemanha) a 29 de Abril de 1877, tendo vindo para o Brasil em Dezembro de 1900 .Emitiu votos monásticos a 22 de Julho de 1904 e recebeu ordenação sacerdotal no mosteiro de Santa Cruz (serra do Estevão), a 18 de Abril de 1908. Foi lente do Ginásio São José, anexo áquele mosteiro, durante os anos letivos de 1905 a 1908.

Fez parte, posteriormente, da comunidade beneditina da prelazia do Rio Branco (1909-1912) e após curto estágio na Europa voltou ao Brasil. Exerce actualmente o cargo de conventual do Seminário beneditino de São Bernardo, na freguesia de Três Poços (Estado do Rio). Exímio calígrafo.

DOM ACARIO DEMUYNCK — De nacionalidade belga, fez sua iniciação monástica no mosteiro de Maredsous, de onde veio para o Brasil. Pertenceu por algum tempo à comunidade beneditina de Santa Cruz, na serra do Estevão, tendo lecionado no Ginásio São José, mantido por aquele mosteiro. Transferido posteriormente para a prelazia beneditina do Rio Branco, ali se dedicou à evangelização da população selvícola.

Faleceu em Belém do Pará, de viagem para a Europa, a 5 de Fevereiro de 1911.

DOM TOMÁS CAMPBELL — Nasceu a 18 de Dezembro de 1871, na Inglaterra, e recebeu o presbiterato, na ordem beneditina, a 6 de Junho de 1903.

Pertenceu à comunidade do mosteiro de Santa Cruz, na serra do Estêvão, nos anos de 1908-1909, tendo figurado no corpo docente do Ginásio São José. Foi depois para as missões do Rio Branco onde ficou por pouco tempo, regressando em seguida à Inglaterra.

DOM LOURENÇO LUMINI — Nasceu em Arezzo (Itália) a 17 de Setembro de 1884, professou na Ordem a 15 de Junho

de 1902 e recebeu o presbiterato em 19 de Setembro de 1908, tendo-se doutorado em Teologia, na América do Norte.

Acha-se no Brasil desde 1899. Como componente que foi da comunidade beneditina da serra do Estêvão, lecionou no Ginásio São José até 1907.

Exerceu o cargo de prior no mosteiro do Rio de Janeiro e depois no de São Paulo de cuja comunidade ainda faz parte. Entre outros trabalhos de ascese e liturgia, são de sua autoria: "O Mistério de Cristo", "O Sobrenatural nos Evangelhos Sinóticos", "Ascenções Espirituais" e "O Ideal de Dante". Traduziu a "Vida de São Bento" e outras obras.

DOM PLACIDO STAEB — Nasceu na Alemanha a 19 de Julho de 1887. Veio para o Brasil em Setembro de 1913, como simples postulante, agregado ao mosteiro de Santa Cruz, na serra do Estêvão, onde emitiu os primeiros votos monásticos em 14 de Setembro de 1915, dia em que aquela casa de formação completava o 15º. aniversário de sua fundação. Transferido naquele mesmo ano para o mosteiro da Baía, ali recebeu ordenação presbiteral em 24 de Abril de 1921. Desempenha actualmente as funções de abade do referido mosteiro, cargo para o qual foi eleito em 1.º de Janeiro de 1930, confirmado em 12 de Fevereiro e sagrado a 30 de Março daquele mesmo ano. Com o falecimento de D. Lourenço Zeller, foi eleito, em 30 de Outubro de 1945, arqui-abade da Congregação beneditina brasileira, cargo que vem exercendo com inexcedivel zelo.

DOM EMANUEL HEINRICH — Natural da Alemanha, ordenou-se a 31 de Janeiro de 1912, ano em que veio para o Brasil. Foi o primeiro reitor da Escola de Oblatos anexa ao mosteiro de Santa Cruz. Em princípios de 1914 regressou ao mosteiro de Santo André les Bruges, na Bélgica, de onde proviera, secularizando-se pouco depois.

DOM MAURO CLEMENT — Nasceu em 3 de Agosto de 1891, em Bartlberg, diocese de Ratisbona (Alemanha). Veio para o Brasil em 1910, tendo, pouco depois, regressado à Europa para cursar o noviciado canônico na Abadia de Santo André les Burges, na Bélgica.

Emitiu votos monásticos em 29 de Junho de 1912, no mosteiro de S. Cruz, na serra do Estêvão, onde fez o curso de Filosofia e onde ensinou línguas, na Escola de Oblatos.

A extinção daquele mosteiro coincidiu com sua transferência para a escola de estudos superiores mantida pela Ordem em Sorocaba (São Paulo), onde fez o curso de Teologia. Dalí veio para o mosteiro da Baía, a cuja comunidade se agregou e onde recebeu o presbiterato, a 13 de Janeiro de 1918.

Em 1919 voltou ao Ceará para cooperar, a princípio como coadjutor e depois como substituto, na vigararia de Quixadá, então sob a direção de seu irmão em hábito Dom Lucas Heuser.

Regressando à Baía, passou a exercer as funções de capelão do convento da Graça, professor de Teologia e prior do mosteiro daquela capital.

DOM ESTEVÃO BRUSSEL — Nasceu em Dusseldorf (Alemanha) a 28 de Agosto de 1895. Após haver concluido seus estudos fundamentais no colégio beneditino anexo ao mosteiro de Santo André, na Bélgica, veio em fins de 1912 para o Ceará afim de se agregar ao mosteiro de Santa Cruz, na serra do Estêvão.

Durante três anos foi alí censor da Escola de Oblatos, e fez o seu postulado monástico em 1915.

Com a extinção daquele mosteiro, filiou-se definitivamente à comunidade beneditina da cidade do Salvador, onde recebeu o presbiterato a 17 de Dezembro de 1922.

Missionou o interior do Estado da Baía, vindo a falecer em 31 de Janeiro de 1941, em São José do Rio Pardo, em consequência de moléstia contraida numa de suas viagens de evangelização.

DOM MAURICIO HAFNER — Nasceu na Alemanha a 1.º de Junho de 1893. Está no Brasil desde 1912, época em que se incorporou à comunidade do mosteiro de Santa Cruz, na serra do Estêvão, onde emitiu votos monásticos em 6 de Janeiro de 1914. No ano seguinte, com a extinção daquela comunidade, foi transferido para a casa de estudos em Sorocaba (São Paulo), para ultimar o curso teológico. Sua ordenação sacerdotal veri-

ficou-se no mosteiro da Baía, em 13 de Julho de 1919, conferida pelo arcebispo primaz Dom Jerônimo Tomé da Silva.

Em 1923 volve ao Ceará, como sacerdote secularizado, para exercer as funções de vigário auxiliar da paróquia de Quixadá e posteriormente as de pároco da freguezia de Monsenhor Tabosa. Transferiu-se posteriormente para o Estado de São Paulo, onde vigararia a paróquia de Avanhãdava, diocese de Caféландia.

DOM ROMUALDO SIMMETH — Nasceu na Alemanha a 13 de Março de 1894. Veio para o Brasil em Setembro de 1913, integrando-se, desde logo, na comunidade beneditina da serra do Estêvão, onde emitiu votos monásticos em 18 de Setembro de 1914.

No mosteiro da Baía, onde passou a viver desde 1915, recebeu ordenação sacerdotal, em 24 de Abril de 1921. Exímio musicista.

DOM FRANCISCO DA SILVA LEITE — Nasceu em Luiz Gomes, no Rio Grande do Norte, em 13 de Abril de 1900. Em 1914 ingressava na Escola de Oblatos mantida pelo mosteiro de Santa Cruz, na serra do Estêvão, onde permaneceu até o fim do ano seguinte, quando foi transferido, com os demais membros daquela comunidade, para o mosteiro da Baía. Alí completou sua formação monástica, emitiu votos a 20 de Fevereiro de 1920 e recebeu o presbiterato em 29 de Novembro de 1925.

Tendo-se dedicado ao apostolado social, vem actuando de preferência junto às classes trabalhadoras e militares, no seio das quais goza de grande popularidade. Com a participação do Brasil na guerra mundial, serviu como capelão militar junto às forças expedicionárias que em 1944 lutaram nos campos da Itália. Com a criação do serviço religioso nos quarteis, foi nomeado capelão junto às forças aquarteladas na Baía, confirmado no posto de capitão.

DOM BENTO DE SOUSA LEÃO FARO — Nasceu em Olinda (Pernambuco) em 7.1.1883. Fez parte da primeira comunidade beneditina da serra do Estêvão, onde emitiu votos simples. Em 1903 foi transferido para o mosteiro do Rio de

Janeiro e depois para o da Bahia, tendo-se ordenado em 7 de Abril de 1907.

Após vinte e dois anos de vida claustral, passou a fazer parte do clero secular. Faleceu no Rio em 2.8.1946.

Fizeram parte, igualmente, da comunidade do mosteiro beneditino de Santa Cruz, em épocas diferentes, os seguintes irmãos conversos: Casimiro Moschner, Egídio Tenfel, Bento Amann, Conrado Ganzmann, Lamberto Schmieder, Gaudêncio Matl, Tomé Gunther, José Will, André Riehle, Martinho e Francisco. Os três primeiros faleceram na serra do Estêvão.

3

CONGREGAÇÃO DAS MISSIONARIAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO

"... continuadora das gloriosas tradições da catequese..."

A Congregação das Missionárias da Imaculada Conceição foi fundada em 1910 por Dom Amando Bahlmann O. F. M. (1), quando à frente da prelazia de Santarém, no Estado do Pará.

Necessitando de elementos que o auxiliassem na catequese dos índios e noutros encargos de sua prelatura, obteve aquele dignatário, a 7 de Julho de 1910, da Sagrada Congregação dos Religiosos, da Santa Sé, autorização para fundar uma comunidade missionária, nos moldes que idealizara.

---

(1) — Dom Frei AMANDO BAHLMANN O. F. M., Bispo titular de Argos e Prelado de Santarém (Pará). Durante trinta e dois anos teve em suas mãos a direção daquela vasta prelazia, que, como missionário dedicadissimo e incansável, percorreu muitas vezes, não havendo paróquia ou residência missionária que não tivesse tido a honra de sua visita. Tribo

Pouco antes, em Maio daquele ano, durante curta permanência no Rio de Janeiro, tivera oportunidade de visitar o Convento da Ajuda, das Concepcionistas Franciscanas, certificando-se da possibilidade de recrutar alí os primeiros elementos para a fundação de que cogitava.

De viagem pela Europa, tratou Dom Amando, já então devidamente autorizado pelo Vaticano, de tomar as providências iniciais para a imediata realização do seu desiderato. Visitando o Convento das Clarissas, em Muenster (Alemanha), foi informado de que uma jovem professora de nome Elisabeth Tombrock procurava dedicar-se à actividade missionária, em cumprimento ao voto que fizera em Lourdes, por ocasião de sua cura milagrosa.

Posta a par dos desígnios do Prelado, Elisabeth não hesitou em aproveitar a oportunidade que se lhe deparava, tendo recebido em 15 de Agosto de 1910 o hábito religioso e adoptado o nome de Irmã Maria Imaculada.

Viajando, em seguida, para o Rio de Janeiro, dalí embarcou para Belém, em companhia de quatro freiras do Convento da Ajuda, formando este conjunto a primeira comunidade da Ordem em via de fundação. Da capital paraense rumaram as cinco religiosas para Santarém, sede da prelazia de Dom Amando, onde chegaram a 13 de Novembro de 1910, alí encontrando, próximo à Igreja-matriz, um modesto prédio que serviria de primeiro abrigo à congregação nascente.

No 7 de Dezembro seguinte, Irmã Maria Imaculada iniciava o noviciado, encetando, ao mesmo tempo, sua actividade apostólica com a fundação de um colégio e um modesto orfanato do qual surgiram as duas primeiras vocações brasileiras.

Com a vinda de três novos elementos da Alemanha — Irmãs

índia não havia com que não tivesse procurado entrar em contacto, e muito trabalhou entre os Mundurucús, que nele viam um pai e maior bemfeitor. Com 73 anos D. Amando entrou na eternidade, cheio de merecimentos, carregado de bôas obras. Era um grande dignatário da Igreja no Brasil. Tambem na sua Ordem exerceu cargos de grande responsabilidade. Foi o restaurador na Ordem Franciscana no Brasil, provincial da Bahia e várias vezes visitador. Faleceu quando em viagem de visita oficial ao Santo Padre. (Jorge C. Deister).

Teresa Preuger, Clara Rothkotter e Inês Rever — o noviciado passou a funcionar noutro prédio, que se denominou *Lourdes*, situado num dos bairros de Santarém.

Não tardou, porém, que, ainda no seu nascedouro, experimentasse o sodalício rude golpe com o falecimento, em Abril de 1912, das Irmãs Terêsa e Clara, vitimadas pela febre amarela, e com o regresso das freiras concepcionistas ao Convento da Ajuda.

Não obstante, em Maio daquele mesmo ano, nova casa era fundada, no arraial Cururú, importante núcleo de catequese.

Com a aprovação de Roma, Irmã Maria Imaculada recebia a investidura de primeira Superiora da Congregação, a 14 de Setembro de 1912. No mesmo mês, vieram da Alemanha mais dez postulantes, e de lá chegavam constantes donativos com os quais foi possível iniciar a construção de novas instalações para o noviciado e orfanato.

No ano seguinte, empreendeu a Superiora uma viagem à Alemanha, onde resolveu instalar uma residência em Muenster, fadada a ser o grande manancial de vocações para incremento do apostolado missionário no Brasil.

Regressando a Santarém em companhia de seis novas aspirantes, Madre Maria Imaculada fez sua definitiva profissão religiosa, sendo pouco depois eleita abadêssa com jurisdição em todas as casas da Ordem.

Definitivamente implantada, não tardou que a nova congregação passasse a se reger por constituições próprias aprovadas pela autoridade episcopal e confirmadas pelo decreto *Laudis* expedido pela Cúria Romana a 30 de Abril de 1929. Nessa época a primitiva denominação de Congregação das Clarissas Missionárias foi substituida pela de Congregação das Missionárias da Imaculada Conceição agregada à Ordem Franciscana a que pertencia o fundador.

Não foi, todavia, a primeira ordem religiosa a receber aquela denominação. Já em 30 de Abril de 1489, o Papa Inocência VIII dava sua aprovação à primitiva Ordem das Clarissas da Imaculada Conceição, fundada por uma dama portuguesa, Beatriz Silva Meneses, falecida no ano seguinte em Toledo

(Espanha), após uma vida de virtudes excelsas, que lhe valeram a beatificação.

O ano de 1922 assinala a penetração das Missionárias nos Estados Unidos, onde as possibilidades do meio viriam concorrer eficazmente para o prestígio e fortalecimento da Congregação. A primeira casa foi instalada em São Boaventura, Estado de Nova York, em Julho daquele ano, sob a orientação e com a presença da Superiora geral. A esta fundação, quatro outras se seguiram naquele País: em Paterson (noviciado), em Glenclyffe, em Washington e em Roselles.

Foi no convento de São Boaventura que em 1938 faleceu Irmã Maria Imaculada Tombrock, a quem sucedeu na direção da Ordem, Irmã Pacífica I. C. Boenning.

No estrangeiro, mais um núcleo (noviciado) se instalou na cidade alemã de Muenster, e, fiel aos objectivos missionários, voltou a Congregação suas vistas para a China longínqua, onde quatro postos se acham em funcionamento: nas cidades de Hungkiau-lou, Schien-Lichwang, Tien-Tsin e Pekin.

No Brasil, suas actividades não se restringiram aos encargos primaciais da catequese. Com igual devotamento, tem-se entregue ao magistério primário, ao ensino profissional, à educação doméstica, aos serviços hospitalares, actuando de preferência nos meios pobres, por vezes em cidades afastadas do litoral.

Em resumo, os serviços prestados ao Brasil e à Religião pelas abnegadas Missionárias da Imaculada Conceição podem ser avaliados pelo número, sempre crescente, de instituições que fundaram ou que lhes foram entregues, dentro de curto espaço de tempo.

São actualmente as seguintes, discriminadas apenas quanto à sua localização: Seis no Estado do Pará: em Santarém (2), Obidos, Monte-Alegre, Cururú e São José. Quatro em Sergipe: São Cristovão (2), Aracajú e Capela. Quatro na Baía: Barra e Salvador (3). Uma na Paraíba: em João Pessoa. Uma em Alagoas, em Maceió. Duas em Pernambuco, ambas em Recife. Seis no Ceará: Fortaleza (2), Quixadá (3) e Canindé.

FUNDAÇÕES NO CEARA'

Data de Novembro de 1923 a chegada ao Ceará das primeiras Missionárias da Imaculada Conceição. Eram em número de quatro: Irmãs Clara Eller (superiora), Paula Vasconcelos, Agostinha Leiwe e Gabriela Jarmann.

Atendendo a um apelo dos Franciscanos de Canindé, traziam o propósito de fundar e manter um orfanato naquela cidade, empresa que, embora modesta em suas proporções, alcançou completo êxito, a julgar pelos benefícios prestados à juventude pobre daquele centro sertanejo.

Não ficaria limitada a essa fundação a obra bemfazeja das Missionárias no Ceará, onde tão vasto e propício é o campo do apostolado social-religioso.

Seis anos após, ou precisamente a 3 de Julho de 1929, as Irmãs Filomena Scheele (superiora) e Godofreda Willemsen tomavam posse do patrimônio imobiliário da extinta abadia beneditina de Santa Cruz, na serra do Estêvão, transferido à sua congregação, em usufruto perpétuo, pela Arquidiocese de Fortaleza.

Aproveitando as instalações do antigo mosteiro, inauguraram alí o primeiro convento da Ordem, neste Estado, com funções de casa de formação, para a qual se têm encaminhado numerosas vocações.

Não longe daquele convento, dominando uma eminência pitoresca, outro prédio recebeu as necessárias reformas para servir de casa de saúde à comunidade monástica.

Não tardou que a paróquia de Quixadá, por iniciativa de seu zeloso vigário Padre Luiz Braga Rocha, reclamasse a participação das Missionárias na cruzada de educação da juventude feminina. Acudindo a este apelo, instalaram naquela cidade, a 7 de Janeiro de 1938, em prédio doado por D. Libania Holanda, um colégio para meninas, com a denominação de "Instituto Sagrado Coração de Jesus".

O êxito e a utilidade deste educandário podem ser avaliados por seu progressivo desenvolvimento, pois em breve as primitivas instalações tornaram-se pequenas para fazer face à afluência de alunas. Deliberaram, então, as religiosas construir para

o colégio um edifício apropriado, e não tardou que imponente prédio de dois pavimentos viesse ocupar grande área na praça principal da cidade, ao lado da igreja matriz, o qual figura entre as melhores instalações pedagógicas do interior cearense. Nele funcionam, além dos cursos primário e pre-secundário, uma escola de preparação de professoras rurais, equiparada, por decreto n. 79, de 24 de Julho de 1940, à escola normal de Juazeiro.

O "Instituto Sagrado Coração de Jesus" deve o seu êxito, em grande parte, à notável capacidade administrativa de Irmã Plácida I. C. Wehenpohl a quem coube dirigí-lo até 1942, quando foi substituida por Irmã Firmina I. C. de Sousa Silveira, sem solução de continuidade para o progresso do estabelecimento.

Estendendo o seu campo de acção à capital do Estado, as Missionárias instalaram, em Janeiro de 1938, no bairro São Geraldo, o "Ginásio Santa Isabel", no qual, a par da instrução primária e secundária, é ministrado o ensino técnico-profissional à juventude feminina.

Ainda em Fortaleza, exercem sua actividade na "Casa de Saúde São Geraldo", entregue desde Junho de 1940 à sua exemplar administração.

4

CASA DE REPOUSO SÃO JOSE'

"...aprazivel Serra do Estêvão, tão farta de saúde e de repouso..."

Alvaro Maia

Ao lado da casa de formação instalada no antigo mosteiro beneditino da serra do Estêvão, as Missionárias da Imaculada Conceição fundaram e mantêm uma Casa de Repouso, no prédio outrora ocupado pelo extinto Ginásio São José.

Esclarecendo o motivo que o levou a adquirir aquele pre-

cioso acervo imobiliário, e a destiná-lo à sua actual finalidade assim se expressou o Exmo. Sr. D. Manuel da Silva Gomes, arcebispo resignatário de Fortaleza:

"Foi Deus mesmo quem me inspirou a aquisição do antigo Mosteiro de Santa Cruz, ou Abadia da Ordem de São Bento, na serra do Estêvão.

"Nunca eu tinha pensado nisto, quando no ano de 1917, lá estando hospedado por ocasião da vista pastoral à freguezia de Quixadá, da qual aquela capela então dependia, pois os Beneditinos se tinham de lá retirado definitivamente — no momento da consagração, na missa que celebrava para o povo, senti claramente uma voz interior que me dizia comprasse o mosteiro para uma obra futura, que ali se deveria fundar.

"Aquela voz era tão clara que fiquei perturbado, e tive depois escrúpulos por me ter sentido como que distraido em momento tão solene do Santo Sacrifício.

"Continuei a celebrar debaixo dessa impressão; e, ao terminar o acto, telegrafei ao Padre Guilherme Vaessen, então reitor do Seminário de Fortaleza, pedindo-lhe viesse imediatamente falar-me, pois queria ouvir sua opinião a respeito do que se tinha passado comigo.

"Foi ele de acordo seguisse eu a voz interior que me falara, e procurasse comprar aos Beneditinos a propriedade, que para eles de nada mais servia, embora sem saber para que Deus a destinava.

"No mesmo dia escreví ao Abade, que estava na Bahia, e algum tempo depois era da Arquidiocese de Fortaleza o mosteiro de Santa Cruz.

"Entreguei depois tudo, em usufruto perpétuo, às Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, sem onus para elas, e assim nasceu o sanatório, hoje transformado, com licença minha, na "Casa de Repouso São José", já bastante conhecida e tão procurada".

A ideia inicial foi, como se vê, a fundação de um sanatória para portadores de afecções do aparelho respiratório, pois o clima local se mostra particularmente favorável ao tratamento de moléstias dessa natureza, conforme afirmam clínicos de nomeada, baseados na constatação de vários casos de cura.

Dentre os curados, conta-se o Dr. Prado Valadares, antigo catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia,cujo depoimento, altamente valioso e encomiástico, vai transcrito páginas adiante.

As peculiaridades do clima da serra do Estêvão foram postas em relevo quando, por volta de 1924, vários médicos de projecção, dentre eles Alfredo Pinheiro, Cezar Magalhaens e Alexandrino Rocha, pleitearam perante os poderes públicos federais a construção de sanatórios em diversos pontos do Nordeste.

Efectivamente, de longa data e de todos os quadrantes do Ceará e até mesmo dos demais Estados do Norte, do Amazonas à Baía, acorriam doentes à serra afamada, em busca de restabelecimento ou de melhoras que muitos não lograram encontrar nos mais acreditados consultórios especializados.

Alguns vinham de longe, com grandes sacrifícios, no intuito de fazerem um último apelo à saúde, uma derradeira tentativa para subsistirem à moléstia que lhes minava o organismo.

A serra não oferecia, entretanto, o necessário conforto. Tudo faltava, a não ser o clima.

Mesmo assim, cheios de esperanças, os doentes se abrigavam como lhes era possível, nas casas toscas do povoado serrano ou de algum sítio próximo, casas que, por absoluta ausência de requisitos higiénicos, aos poucos se tornavam verdadeiros focos de contágio e reinfecção.

Urgia, portanto, a fundação de um sanatório.

Malogradas, infelizmente, as tentativas de qualquer empreendimento nesse sentido, por parte dos poderes públicos, voltaram-se as esperanças para uma possível iniciativa das Missionárias, já então instaladas na serra.

A' primeira vista, fácil parecia uma resolução, pois já dispunham de alojamentos que, convenientemente adaptados, prestar-se-iam à maravilha para um estabelecimento hospitalar.

Na realidade, porém, faltava o indispensável, pois não se podia contar com assistência médica permanente e especializada, nem tãopouco com os recursos materiais para a aquisição da aparelhagem imprescindível a instituições daquela natureza.

Prevaleceram estes motivos para que, em vez de um sanatório, fosse fundada uma "casa de repouso", estabelecimento *sui generis*, com finalidade expressa na própria denominação,

destinado a pessoas cujo estado de saúde não exija assistência médica nem ofereça perigo de contágio. Estas duas condições, de acordo com o regime adotado, devem ser previamente comprovadas mediante exibição de atestado firmado por médicos da confiança do estabelecimento (1).

E' a "Casa de Repouso São José" um misto de colônia de férias e de estação de cura para quantos necessitam de ambiente propício à restauração de energias consumidas em moléstias ou em actividades exaustivas e prolongadas.

Refúgio ideal para os que desejam repousar o corpo e o espírito, para os que buscam reparar os efeitos da estafa ou da *surmenage*, em nada se assemelha às estações de água, onde a vida social se reveste às vezes de exigências e requintes nem sempre compatíveis com os interesses da saúde.

Quem sobe à serra do Estêvão em busca de repouso, encontra-lo-á como função natural de tudo quanto alí existe. Dificilmente se poderá achar outro local onde a salubridade do clima, a quietude do ambiente, a amenidade da paisagem e a natureza das instalações melhor se harmonizem para assegurar a eficácia de estabelecimento daquele gênero.

Na organização do regime interno da casa, tudo foi igualmente previsto neste sentido. Limitou-se a quarenta o número máximo de pensionistas, não só por exigência das acomodações, como também para tornar mais completa a assistência, em que se esmeram as abnegadas administradoras.

Prescreveu-se um sistema racional e intensivo de descanso, e a alimentação, sob os cuidados directos das próprias Irmãs, timbra em ser adequada, abundante e sadia.

As horas de repouso alternam com agradáveis lazeres em comum, em que se entabolam palestras, passeios e outros entretenimentos, reinando sempre o mais amistoso convívio.

Estabelece-se, assim, uma pequena sociedade em vilegiatura, fechada às influências de fora, graças à localização do es-

(1) — Estão indicados para fornecer tais atestados — os drs. Lauro Chaves e Jurandir Picanço, em Fortaleza, e alguns medicos de Quixada.

tabelecimento, afastado dos centros urbanos e sem contacto directo com os mesmos.

Para as exigências do espírito, há uma capela em cujo recinto sugestivo a oração é quase uma acto espontâneo. Uma pequena biblioteca, ainda em formação, proporciona leituras leves e proveitosas.

Impera em tudo uma nota predominante de asseio, ordem e tranquilidade. Um bem-estar sutil, uma sensação de calma promanam da placidez do ambiente, concorrendo para aligeirar o pensamento, já desopresso das preocupações utilitárias. Enfim, um sadio optimismo, sob a influência daqueles hábitos simples e daquela vida pura, parece invadir o espírito, enchendo-o de euforia e das mais salutares disposições.

Centenas de hóspedes, entre os quais higienistas de nomeada, relembram com satisfação os dias que alí passaram e proclamam as extraordinárias virtudes daquele solar de repouso e serenidade, único e inigualável em todo o Norte do País.

A Casa de Repouso São José teve as seguintes directoras, aqui mencionadas na ordem de sucessão: Ir. Filomena I. C. Sheele, Ir. Plácida I. C. Wehenpohl, Ir. Bernardina I. C. Ostarp, Ir. Dionisia I. C. Sudbrock, Ir. Godoleva I. C. Oberfeld e Ir. Romana I. C. (actual).

REFERÊNCIAS A' SERRA DO ESTEVÃO E A' SUA "CASA DE REPOUSO"

"Tenho toda satisfação em levar o meu testemunho pessoal encomiástico da salubridade da serra do Estêvão, lugar paradisíaco a que devo o prosseguimento e consolidação de minha cura.

Infelizmente não posso oferecer outros dados de minha observação, a não ser essa afirmação global, sintética, de doente agradecido, que atribui seu restabelecimento integral à residência por seis meses na adorável estância da montanha cearense. De facto, por então não estava a meu alcance realizar um estudo que visasse os vários elementos definidores de um clima, no

gênero de adequadas determinações meteorológicas, geológicas e outras.

Autorizo-me, todavia, a recordar com segurança, a constância de uma temperatura amena, sem fortes calores nem frios enregelantes, ventos moderados e pouquissima humidade atmosférica e condições de abastecimento de água e de alimentos acima do suficiente, pois não estive em época de sêca.

Tudo isso superposto ou interposto à ventura de me ver liberto da terrível infecção bacilar, regista-me nos arquivos da memória, amoravelmente, e, se eu soubesse e pudesse, haveriam de ser um hinário os meus louvores àquele recanto bemdito da Terra da Luz".

(Prof. PRADO VALADARES, antigo catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, em carta dirigida em 25.1.1922 ao dr. José Paracampos).

"A serra do Estêvão, com 400 metros de altitude, ligada à cidade de Quixadá por confortável estrada de rodagem de 22 km., tem um clima muito ameno, oscilando sua temperatura entre 19.º e 24.º todo o ano.

O edifício construido naquela serra de raríssima constância térmica, é de grande e sólida arquitectura, moderno e dotato de um lindo panorama, uma das mais belas vistas da natureza cearense".

(DR. ALFREDO PINHEIRO, médico com clínica no Rio de Janeiro, ex-deputado federal pelo Ceará).

"Trata-se, na realidade, de um clima adorável o deste trecho do Ceará, pela secura da atmosfera, pelo seu estado de higroscopicidade quase nulo e pela estabilidade barométrica. Ali quase não se verificam oscilações da temperatura, isto mesmo, quando sucede, é tão lentamente que os organísmos mais combalidos não a sentem.

Ali pode-se viver ao ar livre, na contemplação de uma natureza acolhedora e na amenidade de um clima que convida à serenidade e ao repouso".

(DR. CESAR MAGALHÃES, médico com consultório no Rio de Janeiro, em entrevista á "Gazeta de Notícias" de Fortaleza, em Agosto de 1923).

"Quando se faz um estágio na Casa de Repouso São José (serra do Estêvão), é que se pode dizer: "Senhores, eu sinto a vida!" Ela, ali, perpassa em seus tons mais expressivos: o clima, a paisagem, o ambiente em si, a poesia da Casa, seus antecedentes históricos de mosteiro beneditino, tudo enfim convida a um bem-estar extraordinário".

(FRANCISCO JOSINO DA COSTA, jornalista, em "O Nordeste", de Julho de 1941).

"... Região cheia de doçura, adorável em sua simplicidade, de serenas horas de sol e de noites com um céu tão lindo que lembraria aos místicos o Senhor a debulhar espigas de ouro, cujos bagos cintilantes os ventos não deixassem cair sobre a terra.

Os olhos maravilhados podem beber a paisagem de muitos quilómetros e estacar, de repente, ante as muralhas azuis de novos montes, quebrados em vagas imóveis, como um oceano tempestuoso, de formidaveis elevações dagua, que um deus petrificasse, deixando somente as gotas verdes dos açudes na extensão excicada.

Para além, em pleno sertão nordestino, uma baía, segregada entre morros, recorda o mar em trecho paradisíaco — a Guanabara — que o céu miniaturizasse em tamanha distancia, para contemplação das almas fatigadas do mundo... A temperatura é deliciosa; o ar, renovado, enche os pulmões de saúde, varrendo a poeira da estrada que fica em baixo, em ligação à cidade".

(DR. ALVARO MAIA, intelectual amazonense, ex-interventor federal no Amazonas, Trechos de artigo publicado na "Folha do Norte" de Belém, em Janeiro de 1927).

"Quixadá guarda avaramente, entre suas riquezas naturais, longe dos monólitos que embelezam o seu facies topográfico, uma cadeia de serrotas agricultaveis, entre as quais se destaca a que ostenta o antigo Convento de Santo Estêvão.

E' ali, a vinte quilómetros da cidade, mas a esta ligada por bem conservada rodovia, que vamos encontrar a casa de repouso ideal, esse recolhimento que propicia aos esgotados pelo labor

incessante, a restauração das energias malbaratadas e o equilíbrio do espírito consumido pelas múltiplas atribulações da vida quotidiana.

Otimamente situada em ponto que oferece à vista um adorável panorama, a "Casa de Repouso São José" se encontra a 450 m. de altitude sobre o nível do mar, e desfruta do clima mais salubre de todo o nosso Estado, com as variantes de 18 a 29 gráus, sempre sob a incidência do sol vivificante e dos ventos secos e saneadores do sertão adjacente.

Ocupando um vasto quadrilátero, ladeado por extensas alas de higiénicos aposentos, todos com duas frentes, se encontra a parte da grande construção destinada aos que procuram a terapeutica racional para a cura infalível da estafa física e psíquica.

E' aí a "Casa de Repouso", separada do vetusto mosteiro por linda capela em a qual pontifica o capelão do estabelecimento, um velho monge em cujos lábios baila sempre um sorriso e de cujo olhar complascente e meigo transluz a serenidade de uma alma votada às renuncias da vida material.

Vê-la é desejar gozar das delícias que ela oferece, longe do bulicio trepidante dos grandes meios, num ambiente da maior serenidade, de quase beatitude, a aspirar o ar puro da montanha e a extasiar-se na contemplação da planíce intérmina, que para todos os lados se estende, desafiando a vista dos que a dominam de sobre aquelas serrotas de clima bemfazejo.

Visitá-la é convencer-se de que temos em nosso Estado um ponto de eleição para uma estação de repouso, superior a qualquer outra das comumente recomendadas para tal.

Um grupo de Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição ali se instalou e, ao lado do culto que as irmana, fez surgir o actual estabelecimento de hospedagem, onde não são aceitos doentes de moléstias infecto-contagiosas.

Merece ser visto o labor dessas dedicadas obreiras da seara de Jesus. Sem disporem do capital necessário para um empreendimento de tal monta, passaram a suprí-lo com o próprio trabalho, entregando-se aos misteres mais rudes, como da lavoura, horticultura, criação, lavandaria, cozinha, copa, tudo enfim, que pudesse exigir assalariados. Bem pouco têm a quem mandar, resultando daí uma extraordinária ordem nos cuidados que dis-

pensam a quantos se tornam hóspedes da "Casa de Repouso São José".

O asseio é irrepreensível; a alimentação farta e sã não exclui a abundancia de verduras, de frutas, de excelente leite, de variados doces. E tudo isso sob um trato ameníssimo, carinhoso mesmo, que bem diz do aprimoramento da educação daquelas criaturas nascidas para o sacrifício, como transição natural para a verdadeira vida do Além.

A vários hóspedes interrogámos, alguns com estada de meses naquele retiro bucólico, e de nenhum recebemos uma opinião que contrariasse a que de logo formulámos, ao sentirmo-nos participantes daquele ambiente de paz e de absoluta tranquilidade.

Nas vastas alpendradas defrontadas pelo jardim, cujas flores dão o tom alegre da grande praça interna, em cómodas cadeiras, formam grupos, no mais íntimo convivio, os que estão a receber os benefícios daquele trato de exceção. Não têm pressa de deixar o estabelecimento e já pensam nas saudades que irão curtir ao regressarem às suas actividades".

(CARVALHO LIMA, jornalista e um dos fundadores do "Centro Médico" de Fortaleza, em artigo no "O Estado", de 8.10.939.)

"Minha impressão da "Casa de Repouso São José" é a melhor possível. Já na Baía ouvira falar do esplendido estabelecimento que o Ceará possue, mas afirmo que quando o escolhi para descanso, a mim tão necessário, longe estava de supor que naquelas paragens fosse eu encontrar o conforto, o asseio, a ordem, a disciplina e a ótima e abundante alimentação, de que tudo gozei num reparo necessaríssimo ao meu físico e cérebro cansados pelo excesso de trabalhos clínicos e administrativos, a que sou obrigado na bela capital do Salvador. A "Casa" é modelar, em verdade, para aqueles que carecem realmente de repouso.

— Acha a serra do Estêvão o lugar indicado para estabelecimento daquela natureza?

— "Sim. O clima adorável que ali se frui, sem humidade

e constante, como pude verificar, com oscilações apenas de três a quatro gráus, e cuja máxima não vai além de 25°.; a suavidade de um ambiente dotado de um panorama que, por sua beleza, jamais cansa a vista no desdobrar de perspectivas encantadoras, dentre as quais se destaca a visão do progresso que trouxe ao Ceará a obra monumental de engenharia que é o açude do Cedro; mais longe, a ridente e próspera cidade de Quixadá, e, emoldurando a paisagem, a sequência curiosa e bela dos monólitos que dão áquele município uma característica invulgar, tornando-o precioso à retentiva daqueles que viajam estudando— tudo isso faz-me afirmar que a serra do Estêvão é eminentemente propícia à localização de não um só mas de várias casas congêneres.

— Há estabelecimentos similares no Brasil?

— "Não, que os conheça ou deles tenha notícias. E lamento, pelo que hei observado em minha terra, que no Estêvão ou em Guaramiranga não existam outras organizações com a mesma finalidade que objectivam as mantenedoras modestas, incansáveis, inteligentes e educadas que são as Missionárias da Imaculada Conceição: o repouso para os que se abatem na luta titânica hodierna.

— A "Casa de Repouso S. José" satisfaz os requisitos necessários aos fins a que se destina?

— "Plenamente, como já fiz sentir. Ali, como afirmei, tudo é perfeito e satisfaz às exigências e aos desejos das pessoas mais requintadas, que tenham, entretanto, senso e educação bastantes para não esperar mais do que lhes é dado, em troca de uma insignificante diária, em verdade inferior à exigida pela maioria das pensões e hoteis do hinterland brasileiro, nos quais é incrível o passadio, absoluta a falta de higiene e dos mais rudimentares preceitos de conforto.

— Que lhe parece aconselhável no sentido de tornar o estabelecimento em apreço ainda mais procurado?

— "A propaganda da "Casa de Repouso S. José" já está sendo feita por quantos alí têm passado. Agora, o que se poderá desejar, é o aumento de suas instalações, pois os alojamentos existentes já não permitem que as admiráveis Irmãzinhas Missionárias atendam de pronto às constantes e numerosas solicita-

ções de cômodos. Por sua vez, os serviços de água, luz eléctrica e esgoto, posto que satisfatórios, exigirão ampliação, com o aumento da capacidade de alojamento da casa. Parece-me, também, que será conveniente cuidar-se da criação de um meio de transporte, a cargo do próprio estabelecimento, de modo a pô-lo em contacto directo com a cidade de Quixadá. Enfim, depois que ali estive, meu desejo é que os cearenses conheçam e compreendam o que de util possuem na serra do Estêvão".

(Entrevista concedida a "O Estado", de Fortaleza, em 9.8.941, pelo Dr. ATTILA AMARAL, antigo deputado federal, livre-docente da Faculdade de Medicina da Bahia e Diretor da Divisão de Assistência do Departamento de Saude Publica, daquele Estado).